

Campos, o reduto que sofre mas dá votos

Censo mostra que cidade tem desempenho abaixo da média em escolaridade, saneamento e renda, apesar do prestígio de Garotinho

Chico Otavio e Aloísio Balbi

Um município carente de serviços públicos, mas generoso com seus políticos. Este é o retrato de Campos, no Norte Fluminense, a partir do cruzamento de dados do Censo 2000 com os resultados eleitorais dos anos 90. Com orçamento anual de R\$ 450 milhões, quase metade em royalties do petróleo, Campos teve na última década um desempenho abaixo das médias estadual e nacional em escolaridade, saneamento e renda. O resultado, porém, não abalou o prestígio da elite política que comanda a cidade. A população vem conferindo ao ex-governador Anthony Garotinho e seus aliados votações consagradas e dá sinais de que repetirá a dose este ano.

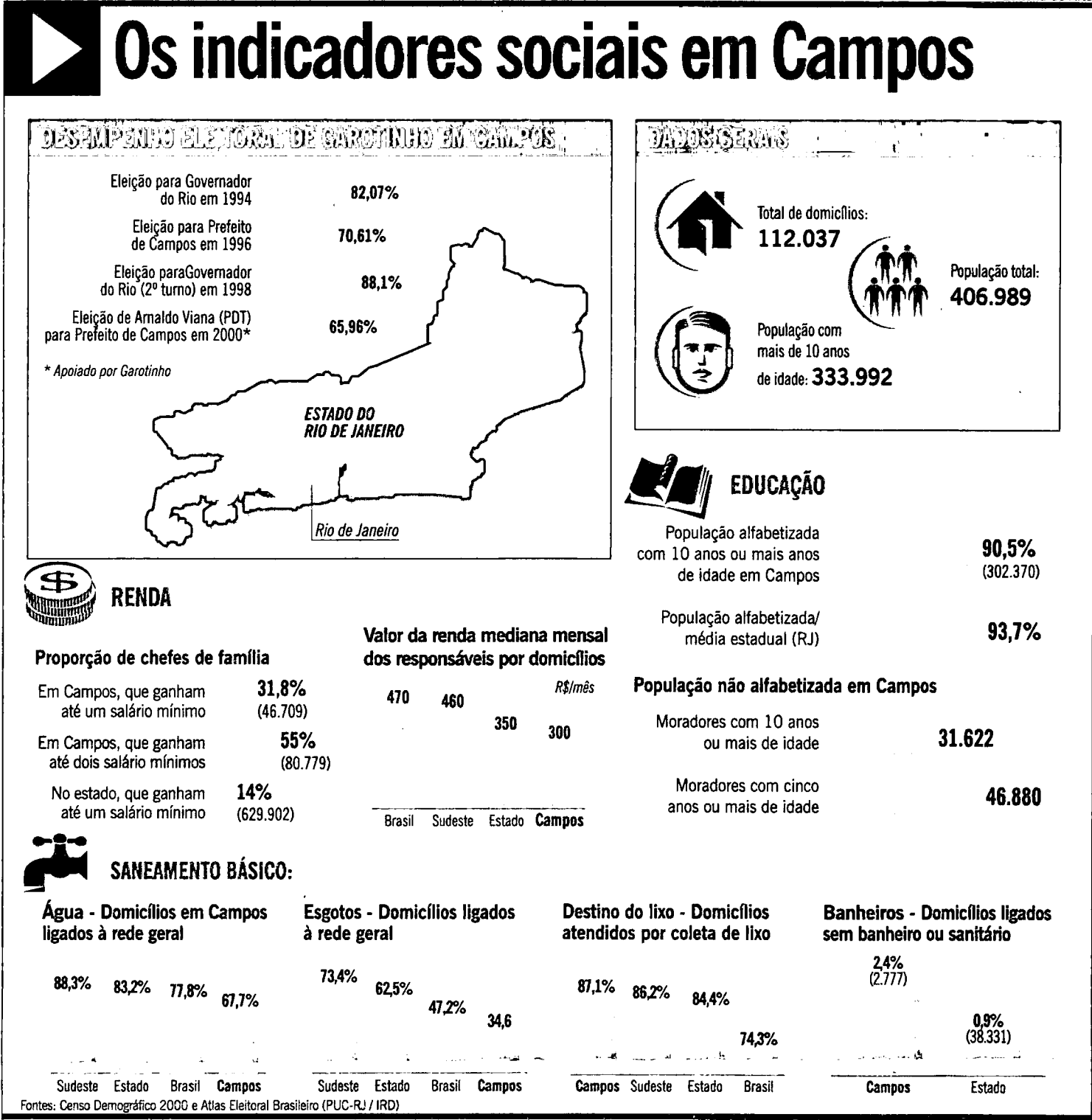
Mesmo que os índices não sejam bons, ele é da terra. O cidadão de Campos deve estar pensando: se consegui eleger o governador, posso fazer o mesmo para presidente — analisa o diretor-presidente do instituto de pesquisas DataUFF, Alberto Carlos de Almeida, que busca no regionalismo e no apelo popular do pré-candidato do PSB a melhor explicação para o contraste entre popularidade e baixo desempenho social.

Salário-mínimo é a renda de 31,8% dos chefes de família

Duas vezes prefeito de Campos, Garotinho comanda desde 1988 a política de uma cidade onde 31,8% dos chefes de família ganham até um salário-mínimo, proporção mais de duas vezes superior à média estadual, de 14%. Se considerados os chefes de família que ganham até dois mínimos, a proporção em Campos sobe para 55%, numa das piores distribuições de renda do estado.

A situação se repete com o saneamento básico. De acordo com o censo, 67,7% das residências de Campos estão ligadas à rede de água, enquanto a média estadual é de 83,2%. Com 146.806 domicílios, Campos está em 62º no ranking dos municípios em serviço de esgotamento sanitário, com 61,7% de residências cobertas por rede de esgoto ou fossa séptica, contra a média estadual de 62,5%. O município tem ainda 2,4% de seus domicílios (2.777 unidades) sem banheiro, para uma média estadual de 0,9%.

Nada disso, porém, foi capaz de afetar a convicção dos eleitores. Almeida, do DataUFF, estima que a aprovação a Garotinho em Campos oscile atualmente entre 80% e 90%. O ex-



governador conta com a simpatia de pessoas como a ex-cortadora de cana-de-açúcar Zilda Lourindo, de 68 anos. Moradora de Morongaba, bolsão de pobreza da periferia, onde a maioria dos chefes de família ganha um mínimo, ela acha que Garotinho fez muito.

— A usina Novo Horizonte quebrou quando ele foi prefeito pela primeira vez. Com a ajuda de Garotinho, hoje temos estrada asfaltada e a prefeitura está construindo casas populares. Ele não poderia mudar tudo. Este ano, Rosinha esteve aqui para distribuir cestas básicas para vítimas de uma tromba d'água. Os políticos, antes, só apareciam para churrascos na usina — disse Zilda, viúva, que se sustenta com uma aposentadoria de R\$ 180 após 30 anos de trabalho.

O grau de escolaridade é outro índice que deixa a desejar.

Segundo o censo, a proporção de população alfabetizada com 10 anos ou mais é de 90,5%, abaixo da média estadual de 93,7%. A cidade tem 31.622 moradores analfabetos, o que representa 9,5% da população, enquanto a média no estado é de 6,3%.

“A cidade está bonita mas só para quem tem dinheiro”

Apesar dos resultados pífios, são raras as vozes destoantes. O comerciante Evaldo Gomes Terra, de 36 anos, pai de quatro filhos, acha que Garotinho e seu grupo poderiam ter feito muito mais. Evaldo, que ganha R\$ 248 servindo café e refrigerante num bar próximo à rodoviária, se diz decepcionado com o resultado da passagem de Garotinho pelo governo do estado.

— Pensei que ele, como governador, fosse trazer indús-

trias para Campos. Mas vejo, sim, cada vez mais gente chegando em busca de um emprego que não existe. A cidade está mais bonita, mas só para quem tem dinheiro. Não voto mais nele — disse.

Para Almeida, do DataUFF, Garotinho não pode ser o único responsável por uma situação que Campos carrega há décadas. Segundo ele, as intervenções municipais, por mais intensas que sejam, acabam diluídas num quadro de desolação social. Admite, porém, que há relação entre obras de maquiagem e a popularidade dos políticos em Campos:

— Enquanto o eleitor gostar disso, enquanto apoiar isso, os políticos vão agir assim.

Na ânsia de defender Garotinho, há quem ponha em dúvida até o trabalho do IBGE. Como o aposentado Oscar Benedito da Silva, de 67 anos.

— O IBGE nunca foi à minha casa, mas o Garotinho já passou por lá — disse.

Garotinho foi prefeito de 1988 a 92 e de 1996 a 98, quando deixou o cargo para concorrer ao governo. Em 92, elegeu o sucessor, Sérgio Mendes, com quem rompeu. Ao renunciar à prefeitura, foi substituído por Arnaldo Vianna, que se reelegeu em 2000. Esses resultados representam 12 anos de predomínio de Garotinho, os três últimos como governador.

Apesar do predomínio, ainda é possível ouvir nas ruas a opinião de que Garotinho enfrenta as oligarquias. Para o técnico em construção civil Paulo Jorge Marins, de 31 anos, o ex-governador e seu grupo são reféns de uma elite contra o aumento da oferta de empregos na cidade:

— Por isso, a renda é tão baixa — disse. ■